



POLÍTICA DE CONTROLE DE ARMAS: LEGISLAÇÃO BRASILEIRA E SEU IMPACTO NA SEGURANÇA DAS ESCOLAS



ALEF PERETZ

Autora: Hadassa Yehezkeili
Orientador: Carlos Moacir Vedovato Jr.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o aumento da violência extrema em escolas brasileiras, especialmente entre 2022 e 2023, e a relação desse fenômeno com as políticas de flexibilização do porte de armas adotadas durante o governo de Jair Bolsonaro. Além disso, aponta como o discurso político do bolsonarismo, ao promover o descrédito nas instituições e reforçar valores conservadores, contribuiu para a construção de um ambiente de hostilidade nas escolas. Diante disso, a pesquisa buscou avaliar os seguintes tópicos:

1. Analisar as mudanças legislativas relacionadas ao **controle de armas** no Brasil, destacando as principais alterações ocorridas entre 2019 a 2023;
2. Examinar dados quantitativos sobre ataques a escolas antes e depois das **alterações na legislação** sobre armas, buscando identificar possíveis correlações;
3. Avaliar o impacto do **discurso político pró-armamento** na sociedade brasileira, especialmente no contexto da segurança nas escolas.

SINDEP. Últimos 2 anos concentram 58% dos ataques em escolas no Brasil, mostra estudo do GEPEM/UNICAMP. 18 abr. 2023. Disponível em: <https://www.sinesp.org.br/noticias/educacao-na-midia/17859-ultimos-2-anos-concentram-58-dos-ataques-em-escolas-no-brasil-mostra-estudo-do-gepem-unicamp>.

Ataques em escolas nos últimos 20 anos

Fonte: Telma Vinha, professora da Unicamp, e as organizações D³e e B3



MÉTODOS

Para esta pesquisa, foi utilizado principalmente o método de **pesquisa bibliográfica**, assim, foi possível revisar a literatura existente sobre dinâmicas sociais, além de procurar entender a situação política e social brasileira a fim de compreender o que foi necessário para o aumento significativo dos ataques às escolas no período do governo Bolsonaro.

DESENVOLVIMENTO

“Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre”



SCHREIBER, Mariana. Dois anos de maior acesso a armas reduziu violência como dizem bolsonaristas? BBC News Brasil, 15 fev. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56075863>. Imagem retirada de reprodução no youtube.

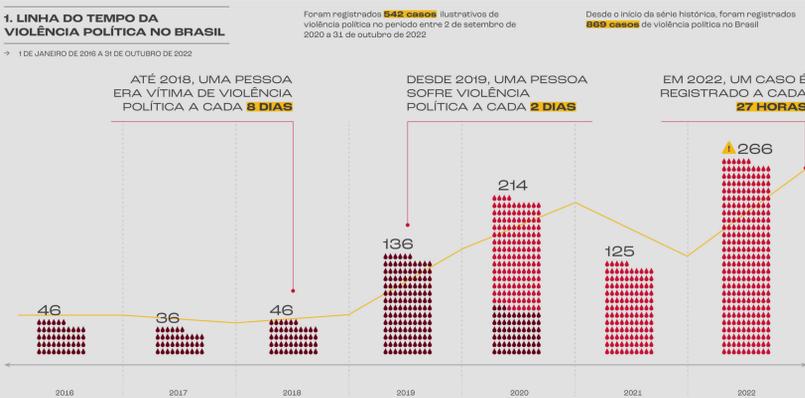
... disse o então candidato do PSL a presidência enquanto imita tiros com o tripé da câmera. O ato é descrito como brancadeira por sua equipe.

“Entendo que arma é liberdade, é segurança e é a garantia de uma nação também. O maior exército do mundo é o americano, são seus CACs também. Aqui nós estamos chegando a 700 mil CACs. Em três anos e meio, dobramos o número no Brasil”.

Durante o período de governo do Bolsonaro houve: a) aumento do número máximo de armas permitidas por pessoa (de 2 para 4); b) ampliação do limite anual de munições (de 50 para 550); c) permissão para posse de armas por moradores de áreas rurais; e d) revogação de portarias que facilitavam o rastreamento de armas, dificultando o controle sobre o destino dos armamentos.

A **retórica violenta** do então candidato contribuiu para a criação de um ambiente propenso à violência política, refletida em agressões cometidas por seus eleitores durante a campanha eleitoral de 2018, com diversos ataques a opositores e membros da comunidade LGBT.

VIOLÊNCIA Política e Eleitoral no Brasil. Terra de direitos, 2 out. 2022. Disponível em: <https://terradireitos.org.br/violencia-politica-e-eleitoral-no-brasil/index?download=1>.



As ideias de Freud sobre a psicologia das massas são relevantes para entender esse fenômeno. Ele explora como a dinâmica de grupo suprime o eu em prol do coletivo, intensificando emoções e criando indiferença à verdade. Essa mobilização é impulsionada por um desejo de pertencimento, frequentemente explorado por líderes que se apresentam como alternativas à elite governante.

“Outro dia eu falei... A mãe quer que o Joãozinho continue sendo Joãozinho. Ah, declaração homofóbica... Meu Deus do céu. Porra... Onde nós iremos? Cedendo para as minorias... As leis existem, no meu entender, para proteger as maiorias. As minorias têm que se adequar...”

Mulheres são 60% das vítimas em ataques ocorridos dentro de escolas no Brasil e os autores desses episódios violentos são homens — a maioria deles, brancos, segundo estudo de pesquisadores da Unicamp. Dos 36 ataques analisados pelo estudo desde 2001, em apenas 2 os autores não eram brancos — em Realengo (RJ) e em Poços de Caldas (MG). Cerca de 75% deles eram menores de idade e 46% tinham entre 13 e 15 anos.

REFERÊNCIAS

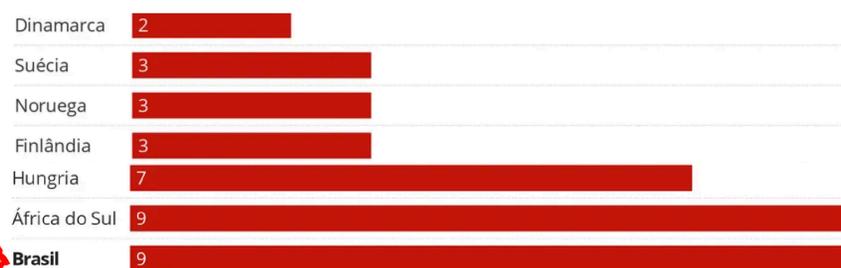
DECRETOS pró-armas de Bolsonaro enfrentam resistência no Senado. Agência Senado, 23 jul. 2021. Disponível em: <https://shre.ink/bmwh>; CONSULTA pública: PROJETO DE MACIEL, Alie; LAVOR, Thays; ROZA, Gabriele; RIBEIRO, Alexandre; LÁZARO JR., José; ZANATTA, Carolina. Apoiadores de Bolsonaro realizaram pelo menos 50 ataques em todo o país. Pública, 10 out. 2018. Disponível em: <https://shre.ink/bmwl>; PEIXOTO, Sinara. Linha do tempo: a escalada da tensão entre STF e Bolsonaro em um mês. CNN Brasil, 5 ago. 2021. Disponível em: <https://shre.ink/bm06>; BOITO JR., Armando. O CAMINHO BRASILEIRO PARA O FASCISMO. SciELO, 25 jun. 2021. Disponível em: <https://shre.ink/bm00>; LYNSCH, Christian; CASIMIRO, Paulo. Negacionismo e conspiracionismo como instrumentos do populismo reacionário. Revista Coletiva, Recife, n. 32, jan.fev.mar.abr.mai. 2023. Disponível em: <https://shre.ink/bm0N>; BISPO, Fábio Santos; SCARAMUSSA, Melissa Festa; SILVA, Beatriz Oliveira Da. Bolsonarismo e a psicologia das massas 100 anos depois. Trivium, Rio de Janeiro, v. 14, n. spe, p. 113-126, abr. 2022; LIMA, Thais Damasceno; DEUS, Larissa Naves. A crise de 2008 e seus efeitos na economia brasileira. Cadernos de Economia, 2013. Disponível em: <https://shre.ink/bm0i>; CARA, Daniel. ATAQUES AS ESCOLAS NO BRASIL: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental. Ministério da Educação, 7 mar. 2024. Disponível em: <https://shre.ink/bm0g>; VECHI, Fernando. Neoconservadorismo, política e armas: a literatura e as organizações pró-armas dos Estados Unidos e a sua influência nos discursos da Bancada da Bala no Congresso Nacional. 2023. Tese (Doutorado em Ciências Criminais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; BRASILEIRO, Juliana Montenegro; SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos; SILVA, Nilma Renildes da. De Columbine a Suzano: uma análise sócio-histórica de atentados escolares. Psicologia USP, vol. 35, e190164, 2024. Disponível em: <https://shre.ink/bm0K>; NUNES, Rodrigo. Do transe à vertigem: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição. São Paulo: Ubu Editora, 2020; MEIRA, Luís Antônio Alves. Infiltrado no Chan: Economia e Linguagem do Ódio. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguagens); SCHILLING, Flávia. A sociedade da insegurança e a violência na escola. 1ª edição. São Paulo: Moderna, 2004.

RESULTADOS

Durante os 13 anos de governo do Partido dos Trabalhadores (PT), houve um compromisso em não alterar a estrutura econômica do Brasil e do Estado, priorizando alianças que mantivessem o modelo econômico vigente. Essa postura resultou em lucros recordes para bancos e na retirada de direitos trabalhistas em momentos de adversidade para a classe trabalhadora. Alianças com partidos de direita, privatizações e cortes em investimentos sociais também marcaram o período, gerando uma sensação de traição e abandono entre parcelas significativas da população. A insatisfação culminou em movimentos de protesto e em um vácuo de representatividade que permitiu a ascensão de figuras como Jair Bolsonaro.

Fonte: G1. Brasileiros de baixa renda levariam nove gerações para chegar à renda média, aponta estudo. G1, 22 jan. 2020.

Número de gerações que levaria para nascidos em famílias de baixa renda chegarem à renda média



Explorando o descrédito no sistema político, Bolsonaro utilizou discursos radicais que prometiam soluções superficiais e excludentes, encontrando ressonância em uma população desiludida e vulnerável. Nesse contexto, a política de descrédito das instituições governamentais desempenhou um papel central na deslegitimação das escolas, apresentadas como espaços de doutrinação ideológica. Essa narrativa polarizadora transformou as escolas em símbolos de uma suposta agenda contrária aos valores tradicionais defendidos pelo bolsonarismo, contribuindo para um clima de hostilidade que culminou em ataques violentos.

A análise de Rodrigo Nunes, no livro *Do Transe à Vertigem*, revela que os agressores em casos de violência escolar frequentemente compartilham um perfil caracterizado por sentimentos de exclusão social, frustração e um senso distorcido de perda de privilégios. Esses indivíduos, muitas vezes jovens, veem mudanças sociais, culturais ou econômicas como ameaças diretas às suas posições. Essas percepções são reforçadas por discursos que exacerbam a ideia de que os avanços de grupos como mulheres, minorias raciais e comunidades LGBTQIA+ representam uma perda de direitos para eles.

Essa dinâmica é amplificada por comunidades online que promovem ideologias extremistas. Nessas plataformas, os agressores encontram validação para seus ressentimentos e são incentivados a enxergar a violência como forma de restaurar sua posição social. Nathalia Brunet Cartaxo Braga, em sua dissertação *A Semiótica Psicanalítica dos Celibatários Involuntários*, destaca como esses ambientes reforçam narrativas de exclusão e justificam atos violentos (BRAGA, Nathalia Brunet Cartaxo. *A semiótica psicanalítica dos celibatários involuntários*. 2021. Dissertação - PUC-SP, 2021).

INSTITUTO SOU DA PAZ. Raio-X dos ataques escolares no Brasil (2002-2023). São Paulo: Instituto Sou da Paz, maio 2023. Disponível em: <https://soudapaz.org/wp-content/uploads/2023/05/Raio-x-ataque-a-escolas.pdf>.

NÚMERO DE CASOS E VÍTIMAS FATAIS POR ARMA PRINCIPAL UTILIZADA NO ATAQUE

ARMA PRINCIPAL UTILIZADA	CASOS		VÍTIMAS FATAIS		VÍTIMAS NÃO FATAIS	
	nº	%	nº	%	nº	%
Arma de fogo	11	46%	34	76%	57	62%
Arma branca	10	42%	11	24%	32	35%
Arma de pressão	1	4%	0	0%	2	2%
Balestra	1	4%	0	0%	1	1%
Explosivos	1	4%	0	0%	0	0%
TOTAL	24 casos		45 vítimas fatais		92 vítimas não fatais	

Os dados apresentados confirmam a hipótese da pesquisa ao demonstrarem que armas de fogo são as principais responsáveis pelas vítimas fatais em ataques escolares, representando 76% das mortes. Esse padrão se intensificou a partir de 2019, período em que a flexibilização das leis de armas facilitou o acesso a armamentos. A relação entre o aumento dos ataques e as mudanças legislativas reforça que a ampliação do armamento civil, aliada a discursos políticos pró-armamento, contribuiu para a maior letalidade dos atentados. Esses resultados evidenciam a necessidade de políticas públicas voltadas ao desarmamento e à prevenção da radicalização juvenil como medidas para a proteção das escolas.

CONCLUSÕES

Discurso político e normalização da violência:

- O presidente Jair Bolsonaro defendeu o armamento civil, associando-o à liberdade e segurança.
- Esse discurso ajudou a espalhar a ideia de que a posse de armas é uma necessidade individual e coletiva, sem considerar os riscos para a segurança pública.

Papel das redes sociais na radicalização:

- Plataformas como Discord e Telegram foram usadas por grupos extremistas para recrutar e radicalizar jovens.
- Muitos dos atacantes recentes estavam envolvidos com comunidades digitais, onde conteúdos violentos eram disseminados.

Teoria de Sigmund Freud sobre a agressividade:

- A repressão dos instintos agressivos, como argumentado por Freud, pode levar à busca de reconhecimento em grupos violentos, como visto em ataques escolares.

Impacto da ditadura militar (1964-1985) na cultura de violência:

- O uso da violência como ferramenta de controle social durante a ditadura influenciou a normalização do armamento civil e a desconfiança nas instituições democráticas.

Efeitos da crise econômica de 2008:

- A crise econômica agravou a desigualdade social e a sensação de insegurança, impulsionando a busca por soluções individuais de segurança, como a posse de armas.
- A crise também contribuiu para o aumento da violência em áreas urbanas e na vulnerabilidade social.

Contudo, a pesquisa demonstra que a retórica bolsonarista, aliada à flexibilização das leis de armamento, não somente contribuiu para o aumento da violência dentro das escolas, mas também alimentou um discurso que ataca as escolas enquanto instituições. Essa dupla dimensão da violência pode ser observada em dois aspectos principais. Primeiramente, o discurso pró-armamento, que associa armas a “liberdade” e “segurança”, normalizou a ideia de que a violência é uma resposta legítima a conflitos. Isso influenciou especialmente jovens vulneráveis, que passaram a ver as armas como ferramentas de poder e vingança, assim cometeram ataques violentos, muitas vezes inspirados por crimes anteriores (feito *copycat*) e influenciados por fóruns online que glorificam a violência.

A retórica bolsonarista deslegitimou as escolas como espaços de formação crítica e cidadã. Ao promover um discurso que desacredita a educação pública e os profissionais da educação, o discurso da extrema-direita contribuiu para a desvalorização da escola como instituição social. A exaltação do militarismo e da disciplina rígida, em detrimento de abordagens educativas mais humanizadas, reforçou a ideia de que a escola é um espaço de controle e repressão, e não de aprendizado e desenvolvimento. A disseminação de discursos de ódio e intolerância, especialmente em plataformas online, criou um ambiente hostil para as escolas, que passaram a ser vistas como alvos de ataques simbólicos e físicos. Isso se reflete em casos como o massacre de Suzano, onde os agressores não somente atacaram indivíduos, mas também a instituição escolar na totalidade, em um ato de desafio à ordem estabelecida.